

# SELEÇÕES EM FOLHA

mfmnenendez@ig.com.br

Ano X, Nº 01 – 2006, JANEIRO

Assinatura até Dezembro de 2006: 11 selos postais de 1<sup>o</sup> Porte Nacional  
Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Bien com muchas armas fundo que lidia vuestra arrogancia, pues en promesa y instancia juntáis diablo, carne y mundo. Cuando me vino el honor de la tierra generosa, no pensé en Blanca ni en Rosa ni en lo grande del favor.

Pensé en el pobre artillero que está en la tumba, callado: pensé en mi padre, el soldado: pensé en mi padre, el obrero. Cuando llegó la pomposa carta, en su noble cubierta, pensé en la tumba desierta, no pensé en Blanca ni en Rosa.

Juana Inés de La Cruz 1651-1695, La Religiosa del México, Redondilla 17.17, José Julián Martí, de Versos Sencillos XLI, José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Quando o espírito calca-se à matéria bestializa-se o homem racional. A moral, tornando-se pilhéria, turva as fronteiras entre o bem e o mal. Materialismo é a tumorada artéria que vai alimentar o funeral, renunciando o câncer da miséria, à falta de regência do ideal.

Mas, o equilíbrio é o soro benfazejo que sustenta e higieniza – de sobejo, a sociedade, às luzes da razão.

Pois, milenar, repete esta verdade: “Nem só de pão se nutre a humanidade, nem só de sonhos vive uma nação!”

Newton Meyer, Pão e Sonho; de Trovas do Ano 2005 Newton Meyer: Av. Duque de Caxias 221, 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Só quem escuta o verde, entende a roça. Aquele que tem alma de caipira sabe o momento de tirar embara, cortar taquara... e como erguer palhoça. Sabe enfrentar geadas, chuva grossa... – os contratemplos – sem nenhuma ira; e ouvir a juruti, a corruira... e a solidão... sem mergulhar na fossa!

...Porque em alma tímida, bonita... pode dar mais de si... para si mesmo... ...Ver além da cabaça... da marmitta...

...E, à sombra amiga de um jequitibá, refrescar-se... beber... comer torresmo... e desfrutar a paz que existe lá!

Roberto Resende Vilela, Alma Caipira, 0510 Trovaregre: Caixa Postal 181 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Paulista, a tua casa é um santuário! Dir-se-ia que um perfume de incenso anda espalhando no ar... Casa farta e feliz, casa onde ergueste, um dia, um trono para o bem, para o amor um altar.

Nem a insídia soez, nem a inveja sombria podem, sob este teto amago, prosperar; ressoam nessa casa a lealdade e a alegria, como em fundo de concha os murmúrios do mar.

Ó tu que vens de longe, atrás de pão e abrigo, – companheiro ou rival, amigo ou inimigo, bom ou mau, pobre ou rico, esfarrapado ou rei – sacode, antes de entrar, a poeira dos teus passos, cai de joelhos à porta, estende ao céu os braços: desta casa partiu um soldado da Lei!

Francisco Pati 1898-1970, Casa Paulista; em Poemas Imortais da Revolução de 32, 981.0612-P978p-e.1 “Museu 9 de Julho”, Rua Benjamin Constant 158-4º, 01005-000 – São Paulo, SP

Fico feliz, bem feliz quando vejo tanta gente lutando neste País em prol do meio ambiente! Amilton Maciel Monteiro, 0512 www.jornaldomeioambiente.com.br	A nossa história de amor, é comum, é corriqueira... mas, tem da glória o sabor: vai durar a vida inteira! Dina Marchetti Abad, 0512 Fanal R. Álvares Machado 22 1º 01501-030 SP	Meu pai, amigo sincero, me dá, de modo conciso, não as respostas que eu quero mas aquelas que eu preciso. Marisol, Trovaregre 0601, www.ubtpa.hpg.com.br	Pinheiros... galhos compridos, contra a indústria que devasta, lembram braços estendidos num gesto, dizendo: – Basta! Pedro Ornellas, 0512 Sem Limites Rua Agenor Meira 14-73 17015-301 Bauru	Ao repensar minha história, encontro com emoção, por trás de cada vitória, um mestre no coração! Renato Alves, 0512 Trovamar alw@mgalink.com.br	Por mais que a gente conquiste grande acervo de saber, mais sábio é saber que existe muito mais para aprender! Vanda F. Queiroz, 0512 Trovia alw@mgalink.com.br
---	--	---	--	--	--

Ipê amarelo com as vacas ao seu redor lá no meio do pasto. Gerson Antº Bossa Aleixo	Filhote de gato nos braços da menina largo sorriso. Luciana Bortolotto	Canteiro de morangos formigas carregadeiras pra lá e pra cá. Marilze Marchet 11z	Mamão maduro brilhando no quintal. Passarinho rodeando. Mônica Greice Timóteo Rosa10z	Passarinhos brigam pelas ameixas que sobram na árvore de casa. Pedro Souza Franco 7a	Cama de casal – na soneta do vovô filhote de gato. Regina Alonso	Filhote de gato divertindo a criançada brincando sem parar. Rubens Araújo Santana
--	---	---	--	---	---	--

4º Concurso Brasileiro de Haicai Infanto-juvenil (a) e 17º Encontro Brasileiro de Haicai realizados em 05.11.05 – www.kakinet.com/encontro

## TEMAS DA SAZÃO VERÃO – QUIDAIS DE VERÃO



Enorme cardume. Nas correntes caudalosas sobem piracemas... Analice Feitoza de Lima	No canto do muro, uma mancha colorida. Canteiro de begônia. Cecy Tupinambá Ulhôa	O sol volta forte, as famílias no ginásio. Os botes, nas ruas. Manoel F. Menendez	Trepada na cerca balancea o sino amarelo – alamanda ao vento. Maria Reginato Labruciano	Vestida de flores, praia recebe ano novo: Festa de Iemanjá. Renata Paccola	Ao sabor do vento, sobre a lagoa tremula o nenúfar branco. Roberto Resende Vilela	Na areia da praia saliências transparentes. Águas-vivas... mortas. Yedda Ramos Maia Patricio
--	---	--	--	---	--	---

## HAICUS E M FOLHA



Moscas, na vidraça, seguem os pingos da chuva, dançando agitadas... D Amália Marie Gerda	Pássaros em festa! No pomar adamascado, só abricós carnudos... J Amália Marie Gerda	Zoada de festa num estábulo de luz. Folia de Reis. P Amauri do Amaral Campos	Vôo repentino. E num potinho de mel mosca se afogando. A Analice Feitoza de Lima	Ao som de violões rapazes pedindo esmola. Folia de Reis. P Analice Feitoza de Lima	Montinho na mesa de bagos bem amarelos: abricós maduros. Y Angélica Vilela Santos	No prato de sopa, na mesa do restaurante... a mosca afogada. F Benedita Azevedo
Descendo a ladeira nas sandálias de couro Folia de Reis. F Carlos Roque B. de Jesus	Almoço na mesa. Na salada colorida passeia a mosca. A Cecy Tupinambá Ulhôa	Homens de branco, violas enfeitadas de fita. Folia de Reis. P Cecy Tupinambá Ulhôa	Folia de Reis. E a família reunida aguarda os cantores. J Darly O. Barros	O canarinho pendurado na bica, bica a sua imagem. Y Darly O. Barros	Restos de doce na mesa da criançada: – festa da mosca! F Denise Cataldi	Na noite tranquila acorda-se com o batuque – Folia de Reis. J Denise Cataldi
Abricó maduro cai no colo da mulher sentada na sombra. J Denise Cataldi	Tapete dourado, cobre a grama do jardim... Abricós no chão. D Elen de Novais Felix	Preces e cantigas lembrando a data cristã... Folia de Reis!... F Elen de Novais Felix	Traz janeiro seis notícia sobre o Messias – Folia de Reis. P Fernando L. A. Soares	Grupo adentra a casa, cantando ao som de pandeiros. Folia de Reis. A Flávio Ferreira da Silva	Mosca sobrevoa as fatias de presunto. Comensais atentos. J Flávio Ferreira da Silva	Num pleno verdor abricoteiro e seus frutos. Meninos com varas. P Manoel F. Menendez
Frutos amarelos, árvores próximas ao rio, pés de abricós. P Maria App. Picanço Goulart	No sinal fechado, vendedores de abricós gritando entre os carros. P Renata Paccola	A porta das casas, gente de branco cantando. Folia de Reis. J Roberto Resende Vilela	Açúcar na mesa. Mais rápida, a lagartixa surpreende a mosca. P Roberto Resende Vilela	Abricó maduro. Entre as bagas amarelas, sorri o garoto. Y Roberto Resende Vilela	No chão da cozinha o último abricó nos cacos de vidro. P Rosângela Aliberti	Final de feira só restou um abricó na bacia verde. Y Rosângela Aliberti

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

## SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.01.06, quigos à escolha: Céu azul profundo, Malhação de Judas, Rocio.

Remeter até 28.02.06, quigos à escolha: Amendoim, Névoa densa, Quiabo.



Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132 01150-011 - São Paulo, SP

ou

mfmnenendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

**T E R C E T O S D I V E R S O S**

Num fraternal beijo os lábios do manguelzal beija o caranguejo. Alison Cardoso de Oliveira	Jardim festejando numa noite perfumada. Vem dama-da-noite. Alba Christina	Trazendo esperança, já chegou o Ano Novo. Corações em paz. Alda Corrêa M. Moreira	O sol brilha intenso. Ano Novo, vida nova! Luzes, no horizonte... Amália Marie Gerda	A carga das costas de mais de trezentos dias cai. É Ano Novo. Amauri do Amaral Campos	Água em abundância... Perfumando toda a sala, o jasmim do vaso. Analice Feitoza de Lima	A flor na lapela, floricultor faz buquês... Jasmim perfumados. Ana Thomas Folmann
Caranguejo esconde. Dá trabalho de pescar. Moqueca gostosa... Cecy Tupinambá Ulhôa	Envolta em perfume passeia pelo meu quarto a dama-da-noite... Darly O. Barros	Em cada foguete, esperança renovada: festa de Ano Novo! Djalda Winter Santos	Florido Ano Novo de bicos-de-papagaio colore o dia. Edel Costa	No tempo e no espaço diferem nossos relógios... Lerdo caranguejo... Ercy M. M. de Faria	Abre alma um sorriso no altar do lindo Ano Novo... – Sonhar é preciso. Fernando Lopes Soares	Por deles dispor, domingos e feriados... Dias do Carteiro. Fernando Vasconcelos
Trânsito enrolado e ninguém se respeitando. Que abacaxi! Flávio Ferreira da Silva	Hortênsia, que flor! A criação da natureza. Reflexos de cor. Haroldo R. Castro	Abro a janela. Delicioso aroma! É um pé de jasmim. Hélvécio Durso	Caranguejo imundo, mesmo natural da lama, tão delicioso! João Batista Serra	O tempo todo a traça traça no trama tipos de tecidos... João Elias dos Santos	Begônia, jardim lá na casa onde eu morava com dona Deuzinha... Jorge Picanço Siqueira	Dália entre ervas más, florescendo sóis furtados!... Vento açoita e açoita... Leonilda Hilgenberg Justus
Meninos brincando: Ver quem tem o caracol melhor corredor... M. U. Moncam	Uma noite amena, jardim com damas-da-noite. A moça aparece. Manoel F. Menendez	Na casa de praia ecos de infância e bolor as dunas se movem. Maria de Jesus B. de Mello	Hoje a piracema deixou-me maravilhado. Mudança em cardumes. Nadyr Leme Ganzert	Dia seis de janeiro. Um jovem quebra u'a romã. Sementes na bolsa!... Olíria Alvarenga	A bela cigarra, que canta; <i>males espanta</i> , a canção bizarra. Rogério M. S. Costa	Pequeno jasmim. Odor maior que a flor. Tão simples assim?! Sérgio Serra

“Amor não enche barriga”, porém surpresas virão: – Fez “amor” a rapariga... E olha só que barrigão! Antonio Augusto de Assis	O tempo, muito inclemente, – não tive como detê-lo – como fez com tanta gente deu sumiço em meu cabelo... Antonio Colavite Filho	Que doce perfume encerra, a chuva na tarde quente, matando a sede da terra e lavando a alma da gente. Campos Sales	Some a sogra... e no cortiço, ao fim da prece rezada, pra filha a dor do sumiço; pro genro... a graça alcançada! Edmar Japiassú Maia	Na velhice uma cantada, corpo ruim, mas alma acesa... ela topar não foi nada, dar certo é que foi surpresa! Fernando Vasconcelos	No sumiço do dinheiro – se o mistério é federal –, aumentemos o chiqueiro, que a porcaria é geral... Héron Patrício
Olha os campos... olha a serra... sem demora! Mãos no arado! – A chuva beijando a terra, suaviza o solo enrugado! Janete de Azevedo Guerra	Quando soube do sumiço da sogra, o Zé, meu vizinho, foi visto atrás do cortiço escondendo o São Longuinho! Pedro Omellas	A minha sogra sumiu, e anunciei que pago bem a alguém que, se acaso a viu, não conte nada a ninguém! Renata Paccola	Superada a fila imensa, leva o idoso, na carteira, a humilhante recompensa do suor da vida inteira. Sérgio Bernardo	Mistério no mensalão!!! Sumiram com o dito cujo. Se estiver em um cuecão, cuidado... é dinheiro sujo!!! Sérgio Ferraz dos Santos	No caminhar, vença o atalho da vida, exercite a messe, veja o exemplo do carvalho, demora a crescer, mas cresce! Walneide Fagundes S. Guedes

XXII Jogos Florais de Bandeirantes, PR – gentileza de Lucília A. Trindade Decarli

**O B J E T O V O A D O R N Ã O I D E N T I F I C A D O**

<p><b>HOJE</b> não vou fazer uma crônica como as de todo dia; hoje, quero apenas dar um depoimento. Deixem-me afirmar, de saída, que nestas linhas abaixo não digo uma letra que não seja estritamente a verdade, só a verdade, nada mais que a verdade, como um depoimento em Juízo, sob juramento.</p> <p>Escrevo do sertão, onde vim passar férias. E o fato que vou contar aconteceu ontem, dia 13 de maio de 1960, na minha fazenda “Não me Deixes”, Distrito de Daniel de Queiroz, município de Quixadá, Ceará.</p> <p>Seriam seis e meia da tarde; aqui o crepúsculo é cedo e rápido, e já escurecera de todo. A Lua iria nascer bem mais tarde e o céu estava cheio de estrelas.</p> <p>Minha tia Arcelina viera da sua fazenda Guanabara fazer-me uma visita, e nós conversávamos as duas na sala de jantar, quando um grito de meu marido nos chamou ao alpendre, onde ele estava com alguns homens da fazenda. Todos olhavam o céu.</p> <p>Em direção norte, quase noroeste, a umas duas braças acima da linha do horizonte, uma luz brilhava como uma estrela grande, talvez um pouco menos clara do que Vésper, e a sua luz era alaranjada. Era essa luz cercada por uma espécie de halo luminoso e nevoento, como uma nuvem transparente iluminada, de forma circular, do tamanho daquela “lagoa” que às vezes cerca a Lua.</p> <p>E aquela luz com o seu halo se deslocava horizontalmente, em sentido do leste, ora em incrível velocidade, ora mais devagar. Às vezes mesmo se detinha; também o seu clarão variava, ora forte e alongado como essas estrelas de Natal das gravuras, ora quase sumia, ficando reduzido apenas à grande bola fosca, nevoenta.</p>	<p>E essas variações de tamanho e intensidade luminosa se sucediam de acordo com os movimentos do objeto na sua caprichosa aproximação. Mas nunca deixou a horizontal. Desse modo andou ele pelo céu durante uns dez minutos ou mais. Tinha percorrido um bom quarto do círculo total do horizonte, sempre na direção do nascente; e já estava francamente a nordeste, quando embicou para a frente, para o norte, e bruscamente sumiu, - assim como quem apaga um computador elétrico.</p> <p>Esperamos um pouco para ver se voltava. Não voltou. Corremos, então, ao relógio: eram seis e três quartos, ou seja, 18.45.</p> <p style="text-align: center;">* * *</p> <p>Pelo menos umas vinte pessoas estavam conosco, no terreiro da fazenda, e todas viram o que nós vimos. Trabalhadores que chegaram para o serviço, hoje pela manhã, e que moram a alguns quilômetros de distância, nos vêm contar a mesma coisa.</p> <p>Afirmam alguns deles que já viram esse mesmo corpo luminoso a brilhar no céu, outras vezes, - nos falam em quatro vezes. Dizem que nessas aparições a luz se aproximou muito mais, ficando muito maior. Dizem, também, que essa luz aparece em janeiro e em maio - talvez porque nesses meses estão mais atentos ao céu, esperando as chuvas de começo e de fim de inverno.</p> <p style="text-align: center;">* * *</p> <p>Que coisa seria essa que ontem andava pelo céu, com a sua luz e o seu halo? Acho que, para a definir, o melhor é recorrer à expressão já cautelosamente oficializada: <i>objeto voador não identificado</i>.</p>	<p><i>tificado</i>. Mas, não afirmo. Porém, isso ele era. Não era uma estrela cadente, não era avião, não, de maneira, nenhuma coisa da Natureza - com aquela deliberação no vôo, com aqueles caprichos de parada e corrida, com aquele jeito de ficar peneirando no céu, como uma ave. Não, dentro daquilo, animando aquilo, havia uma coisa viva, consciente.</p> <p>E não fazia ruído nenhum.</p> <p style="text-align: center;">* * *</p> <p>Poderia recolher os testemunhos dos vizinhos que estão acorrendo a contar o que assistiram: o mesmo que nós vimos aqui em casa. A bola enevoada feito uma lua, e no meio dela uma luz forte, uma espécie de núcleo, que aumentava e diminuía, correndo sempre na horizontal, e do poente para o nascente.</p> <p>Muita gente está assombrada. Um parente meu conta que precisou acalmar energicamente as mulheres que aos gritos de “Meu Jesus, misericórdia!” caíam de joelhos no chão, chorando. Sim, em redor de muitas léguas daqui creio que se podem colher muitíssimos testemunhos. Centenas, talvez.</p> <p>Mas faço questão de não afirmar nada por ouvir dizer. Dou apenas o meu testemunho. Não é imaginação, não é nervoso, não são coisas do chamado “temperamento artístico”. Sou uma mulher calma, céptica, com lamentável tendência para o materialismo e o lado positivo das coisas. Sempre me queixo da minha falta de imaginação. Ah, tivesse eu imaginação, poderia talvez ser realmente uma romancista. Mas o caso de ontem não tem nada comigo, nem com o meu temperamento, com minhas crenças e descrenças, isso de ontem EU VI.</p>
---	--	--

Rachel de Queiroz 1910-2003, em Última Página, Revista O Cruzeiro de 4 de junho de 1960 - Site Memória Viva, O Cruzeiro on line.

<p>Nos anos oitenta, eu, minha mulher e minhas filhas, saindo da Castelo Branco, seguíamos em direção à Sorocaba. Vimos uma luz, ao fundo do caminho para casa, que subia e descia de forma regular. Fomos dormir crentes de que víramos um disco voador. Nós, e todo mundo que chegava à Sorocaba naquela noite. Dia seguinte os jornais</p>	<p>publicavam que um trator trabalhara num morro de onde vinha a luz ou as luzes. No começo de 90, a Casa da Palavra Mário de Andrade em rico período cultural (hoje, construção, manutenção e conteúdo, uma tristeza...) com Ricardo Ramos e Fernando Morais. Palestras foram assistidas, ouvidas, participadas e gravadas e, entre outras grandes figu-</p>	<p>ras de nossas letras, tais como as damas da Academia Brasileira de Letras, Raquel, e Lygia Fagundes Telles, menos Nêlida Cuiñas Piñon. Tive então ocasião de perguntar à ilustre cearense se confirmava o texto acima, isto é, se a sua opinião não mudara quanto ao acontecimento. A resposta foi incisiva: confirmava!... MFM</p>
---	---	--

<p>Um dia vamos rir de tudo isso do compromisso que é a própria vida canto de partida dissonante caos armazenado na estante.</p> <p>Um dia vamos rir até do riso do Paraíso até a Barra Funda gente carregando bugiganga e a fome escondida sob a manga porque o riso anarquista e operário ambulante sem salário, já não tem mais atitude frente ao mundo dos assuntos importantes já não é tão relevante como na infância...</p> <p>um dia vamos rir da militância de um conceito do jeito errático da igreja</p> <p>vamos rir após uma cerveja após uma tristeza de supermercado no Afeganistão... nas vidraças do vulcão</p> <p>vamos rir na contramão embriagados afogados na espuma do mediterrâneo ou quando ouvirmos</p>	<p><i>Um momentâneo lapso de reação</i></p> <p>iremos rir até dessa porção de frango à passarinho, o choro das marionetes – das mulheres de alfazema</p> <p>vamos rir até desse poema para tudo girar e ficar onde está e o meu coração parar de bater por você e a solidão se deitar ao meu lado e o gato, de tanto rir molhar o telhado de leite</p> <p>um dia vamos rir... um riso tão abusado, tão execrável que as lágrimas vão dançar no rosto um feriado em agosto vai bem mas como não tem vamos rir no trabalho...</p> <p>das formiguinhas feirantes das crancinhas que correm no parque felizes, aprendendo a viver neste mundo risível</p> <p>vamos rir da canção do Vlado ficar ao lado do nada ejaculando absurdas palavras</p>	<p>até o sol confiscar minhas asas... Já não há surpresa no riso e alguém anunciou a guerra por novas fronteiras. Indescritível – indecifrável – inigualável é a sensação do cosmos frente ao meu critério – agonizante a decisão do vício... como um diamante decifrando o brilho de um luar catártico.</p> <p>Já se foi o tempo em que descí as ruas como um albatroz alucinado – iluminando os bares com novas histórias e correndo o risco de ser assaltado pelas ilusórias cartas que não me escreveste. Antigamente ouvia-se o rumor dos pobres pelos arredores de um candelabro e hoje abro as janelas e só vejo velas rasgadas de fogo – o mesmo fogo que desfêz a paz e congelou a espessura deste céu opaco, me deixando fraco com tanto descaso entre os ruminantes.</p>	<p>Quem dera a morte fosse o próximo capítulo e meu título de doutor pela parede amiazasse a sede de novas verdades, de outros conflitos... Pé na estrada – pé no Rio – foi uma chanchada ou um desvario de menino?...</p> <p>Um simples arrepio pela cidade morna, apreciando o jeito carioca – decadente na tristeza de ser brasileiro, na ausência da fama – na presença da fome... o meu olhar consome a gratidão dos dias, que me beliscando dizem que sou vivo e agonizo em frente ao circo em pleno céu da boca...</p> <p>Ciladas em doses e tragos entorpecidos... A lágrima tinge a lagoa, e eu estou à toa para o teu mistério</p> <p>um dia vamos rir no cemitério eu de você e você de mim enquanto as flores anunciam o nosso inacabado fim.</p> <p style="text-align: right;"><i>Para Vê</i> Sobre o Riso</p>
--	--	---	---

Edmilson Felipe da Silva, excluída da versão preliminar de Antes do Medo (já lançada em 20.10.05 pela Livraria Cortez, Rua Barreira 317, Perdizes, São Paulo, SP); contate o autor: dimi2005@uol.com.br